

100 ANOS DE “A CONSTRUÇÃO FUNCIONAL MODERNA”

100 Years of “The Modern Funcional Building”

Cien años de “La Construcción Funcional Moderna”

IMBRONITO, Maria Isabel

Professora Doutora

Universidade São Judas Tadeu, Universidade Presbiteriana Mackenzie

imbronito@gmail.com

RESUMO

“A construção funcional moderna”, livro escrito por Adolf Behne, traz um panorama da arquitetura e do pensamento arquitetônico na Europa entre os anos 1890-1923. A leitura do livro, que completa 100 anos, oferece um panorama complexo sobre vertentes distintas da arquitetura moderna que disputavam espaço naqueles anos, reconhecidas por um teórico capaz de interpretar as nuances de pensamento e fazer um prognóstico dessas arquiteturas, caso levadas a cabo em sua radicalidade. A pesquisa feita sobre a obra constitui uma revisão narrativa de literatura que permanece fiel ao conteúdo original do livro. Considera-se que a obra teve pouca repercussão no Brasil, e sua leitura é esclarecedora de termos como funcionalismo e racionalismo, abordados por um autor contemporâneo aos acontecimentos e inserido no círculo arquitetônico da época. Seus esclarecimentos são valiosos para o reconhecimento de vertentes divergentes, desfazendo a ideia de que a Arquitetura Moderna ocorreu como uma manifestação monotônica e centralizada.

Palavras-chave: Funcionalismo alemão. Arquitetura racionalista. História da arquitetura moderna.

ABSTRACT

“The Modern functional building”, book written by Adolf Behne, provides an overview of architecture and architectural thinking in Europe between 1890-1923. The book, that completes 100 years old, offers a complex overview of different movements of modern architecture that competed for space in those years, recognized by a theorist able to track the nuances of thought and to make a prognosis of these architectures, if carried out in their radicality. The research on Behne’s work consisted of a narrative literature review that remains faithful to the original content. It is considered that the work had little repercussion in Brazil, but its reading clarifies terms such as functionalism and rationalism, brought by an author contemporary to the events on course and inserted in the architectural circle of the time. The author’s contributions are valid for the recognition of divergent trends, diluting the idea that Modern Architecture occurred as a monotonic and centralized manifestation.

Keywords: German functionalism. Rationalist Architecture. Modern Architecture History.

RESUMEN

“La construcción funcional moderna”, libro escrito por Adolf Behne, ofrece una visión general de la arquitectura y del pensamiento arquitectónico en Europa entre los años 1890-1923. La lectura del libro, que cumple 100 años, ofrece un panorama complejo de distintos aspectos de la arquitectura moderna que competían por espacio en aquellos años, reconocidos por un teórico capaz de interpretar los matices del pensamiento y pronosticar las consecuencias de estas arquitecturas, si llevadas a cabo en su radicalidad. La investigación realizada constituye una revisión bibliográfica narrativa que se mantiene fiel al contenido original del libro. Se considera que la obra tuvo poca repercusión en Brasil, pero su lectura aclara términos como funcionalismo y racionalismo, colocados por un autor contemporáneo a los eventos e inserto en el círculo arquitectónico de la época. Sus aclaraciones son válidas para el reconocimiento de tendencias divergentes, diluyendo la idea de que la Arquitectura Moderna se dio como una manifestación monótona y centralizada.

Palabras clave: Funcionalismo alemán. Arquitectura racionalista. Historia de la arquitectura moderna.

100 ANOS DE “A CONSTRUÇÃO FUNCIONAL MODERNA”

Seria quimera reconhecer a existência concreta de uma arquitetura moderna em estado puro, enquanto materialização decorrente de um conjunto de preceitos idealizados? Ou é possível que ocorra apenas em alguns exemplares paradigmáticos situados no “epicentro” de sua formulação, obras que materializam princípios, ressaltados por seus autores e repetidos pela historiografia, facilmente comprováveis através de um olhar às obras menos preocupado com as particularidades?

Fora desse “epicentro”, é seguro dizer que a arquitetura moderna existiu enquanto manifestações localizadas que estabeleceram diálogos com muitos princípios modernos, ora divergentes e, sobretudo, que o interesse que recai sobre essas arquiteturas reside nas relações que cada uma, em suas particularidades, estabeleceu com alguns desses supostos princípios gerais. Dito de outra maneira, o interesse recai na acomodação desses princípios “universais” a meios e valores locais, gerando manifestações localmente moduladas da arquitetura moderna, conforme sugere Kenneth Frampton. De qualquer modo, o diálogo dessas produções com alguma obra ou princípio de fundamentação moderna embute a escolha de uma vertente com a qual se dialoga, eleição que ocorre por afinidade, proximidade ou oportunidade.

Na contemporaneidade, a multiplicidade de abordagens valorizadas pela pesquisa em história da arquitetura tem sido proporcional ao questionamento da validade universal dos princípios modernos, que assumem viés autoritário à medida em que se evidencia a violência do embate entre culturas e as relações de dominação perpetradas através de dispositivos de linguagem, tendo a arquitetura performado como um recurso de autoridade e violência. Este texto, porém, não pretende enveredar por manifestações da arquitetura moderna baseadas na multiplicidade de agentes e abordagens que a temática do congresso propõe tratar, mas volta-se, ainda uma vez mais, ao panorama da arquitetura moderna na Europa para problematizar a existência de uma única visão hegemônica, dando conta de que não houve, de antemão, um modo unificado de pensar a arquitetura moderna na Europa, onde pensamentos diferentes, por vezes em diálogo mas, outras vezes, divergentes, coexistiram e competiram pelo espaço das ideias num momento de intensa transformação da arquitetura pela abertura de novos caminhos.

É também importante notar que, muitas vezes, arquitetos entendidos como modernos mudaram de opinião ao longo de sua trajetória, seja ainda durante os anos 1920, quando se tornaram modernos ao mesmo tempo em que contribuíam para inventar a(s) arquitetura(s) moderna(s), seja realizando a crítica e superação dessas arquiteturas ao incorporar novas preocupações no segundo pós-guerra, diversificando em muitas direções a produção e o debate arquitetônico a partir dos anos 1960.

Este texto apresenta o livro de Adolf Behne (1885-1948), “A construção funcional moderna”, que completa 100 anos. O texto estabelece uma linha divisória, expondo uma espécie de querela no centro do pensamento arquitetônico alemão em 1923, reconhecendo - porque assim escreve e, portanto, assim captura do ambiente ao redor, mas também assim inventa - uma oposição entre o

pensamento funcionalista e o pensamento racionalista presentes na Alemanha daqueles anos. O autor reconhece, na crista da onda, o avanço da corrente racionalista na Alemanha e na Holanda, e mostra-se capaz de antever, com base em poucas obras modernas de que dispunha até aquela data, os desdobramentos de cada uma dessas vertentes, caso levadas à cabo com radicalidade, indicando seus pontos fortes e fracos.

O livro de Behne não figura entre os mais lidos por arquitetos e estudantes brasileiros, possivelmente porque nunca foi integralmente traduzido para o português, ou porque a arquitetura funcionalista alemã teve no Brasil uma repercussão relativa. Uma possível explicação pode ser o fato de que a arquitetura moderna brasileira se proliferou num momento em que o racionalismo já avançava largamente na Europa. Busca-se então, através da releitura deste livro, olhar para um tema pouco compreendido entre nós e, muitas vezes, erroneamente interpretado devido à falta de clareza para caracterizar as duas vertentes (racionalista e funcionalista) e trabalhar com a denominação adequada. Para justificar a escolha desse autor como tema de estudo, cabe lembrar que o livro foi escrito por um teórico atuante e bem relacionado que registrou suas ideias simultaneamente aos acontecimentos que determinaram o rumo da Arquitetura Moderna na Europa. Behne foi fundador do Arbeitsrat für Kunst, movimento alemão pela valorização do trabalho artístico, do qual participaram Walter Gropius (1883-1969), Bruno Taut (1880-1938), Erich Mendelsohn (1887-1953), entre outros, e foi amigo pessoal de Theo van Doesburg (1883-1931). Profundo conhecedor de arte e arquitetura, o autor dedicou-se ao reconhecimento das vertentes que compunham o panorama artístico e arquitetônico desde os últimos anos do século XIX, estendendo esse período de análise até a data de escrita do livro. Pretende-se, neste artigo, apresentar com brevidade os três capítulos do livro “A construção funcional moderna”, celebrar sua efeméride e constatar nosso pouco aprofundamento na leitura dos textos desse autor.

A construção funcional moderna

Na introdução do livro “A construção funcional moderna”, Adolf Behne afirma que a arquitetura, ao longo de sua história, oscilou entre priorizar a forma e priorizar a função. Se a arquitetura praticada durante os séculos XVIII e XIX privilegiou a forma, ela passou a ganhar novas preocupações na virada do século XX, quando arquitetos que passaram a observar mais diretamente a função promoveram uma renovação profunda no campo.

O autor entende que o atendimento à função foi a prerrogativa capaz de romper com as amarras formais da teoria e da prática arquitetônica responsáveis por enrijecer o edifício ao fixar arranjos estáticos e padrões estilísticos. Os princípios definidores desse arcabouço formal foram transmitidos e retransmitidos pela tradição presente na tratadística, na academia e na prática arquitetônica. Para o autor, ao trazer à pauta o atendimento à função como uma condição renovada do edifício moderno, arquitetos como Hendrik Petrus Berlage (Holanda, 1856-1934), Alfred Messel (Alemanha, 1853-1909) e Otto Wagner (Áustria, 1841-1918), na passagem do século XIX para o século XX, deflagraram uma verdadeira revolução, requisitando uma atualização da arquitetura e iniciando um caminho para que, alguns anos depois, o edifício moderno pudesse ser livremente configurado.

Behne reconhece, por três vezes, a ocorrência de algum movimento significativo no campo da arquitetura no primeiro quartil do século XX. Para cada um desses momentos, em três capítulos sucessivos, aborda os respectivos pensamentos e obras, estabelecendo entre eles um certo encadeamento: “Não mais fachada, mas edifício”; “Não mais edifício, mas ambiente conformado”; “Não mais ambiente conformado, mas realidade prefigurada”. A tradução esboçada aqui dos títulos dos três capítulos de “A construção funcional moderna” mostra-se insuficiente, devendo o sentido dessas asserções ser melhor explicado nas leituras feitas sobre cada capítulo, detalhadas a seguir.

“Não mais fachada, mas edifício”

Para o autor, os espaços da arquitetura tradicional, oriundos da técnica construtiva mas restritos, sobretudo, por princípios artísticos, foram postos em xeque devido à atenção dada à função pelos arquitetos na virada para o século XX. “Não mais fachada, mas edifício” implica reconhecer que o arranjo espacial da arquitetura está livre das prescrições compositivas representados pela “fachada” e do arranjo ordenado transmitido à planta. Assim, a arquitetura abandona o receituário tipológico e a correspondência rigorosa e simétrica entre a fachada e a planta: o edifício está finalmente apto a se tornar um elemento tridimensional pleno, formalmente autônomo e dinâmico e organizado assimetricamente, seja em função dos requisitos do programa ou mesmo da vontade artística do arquiteto.

O ponto alto desse capítulo é dedicado a Frank Lloyd Wright (1867-1959). Pela descrição feita por Behne das casas de Wright, nota-se que o autor é hábil em reconhecer as estratégias organizativas e formais do arquiteto estadunidense (vale lembrar ao leitor que a descrição feita por Behne trata ainda das Casas da Pradaria, mas o autor antecipa características que se acentuarão e estarão presentes em obras que só seriam construídas nas fases posteriores de Wright). Behne enumera os espaços fluidos interligados por muros contínuos, os grandes balanços dos beirais, a tensão entre verticais (lareiras) e horizontais (muros e beirais), determinando movimentos expansivos dos volumes, e formas dinâmicas que atendem a requisitos de finalidade, mas que também estão sujeitas à intencionalidade plástica. Assim, a dinâmica da forma identificado por Behne na arquitetura de Wright resulta, para o autor, da liberdade de uma arquitetura que atende à função, mas também da decisão do arquiteto em manipular plasticamente os volumes para conferir tensão e expansão. Liberto da ideia estática de fachada pelo chamado da função, o edifício torna-se, nas mãos do arquiteto, um jogo plástico que corresponde à dinâmica funcional da vida.

Figura 1: Frank Lloyd Wright. Casas E. H. Cheney, 1903 (à esquerda) e Robbie, 1908 (à direita). Chicago.



Fonte: Autora.

“Não mais edifício, mas ambiente conformado”

Neste capítulo, Behne discorre sobre o funcionalismo alemão que buscou alcançar a configuração definitiva, especializada e precisa de cada uma das partes da construção. O arquiteto funcionalista dedica-se ao estudo das funções e desenha cada espaço considerando as prerrogativas internas presentes nesses espaços. O edifício funcionalista torna-se o resultado da soma de suas partes: um conjunto de ambientes muito variados, cada qual especialmente conformado para seu fim.

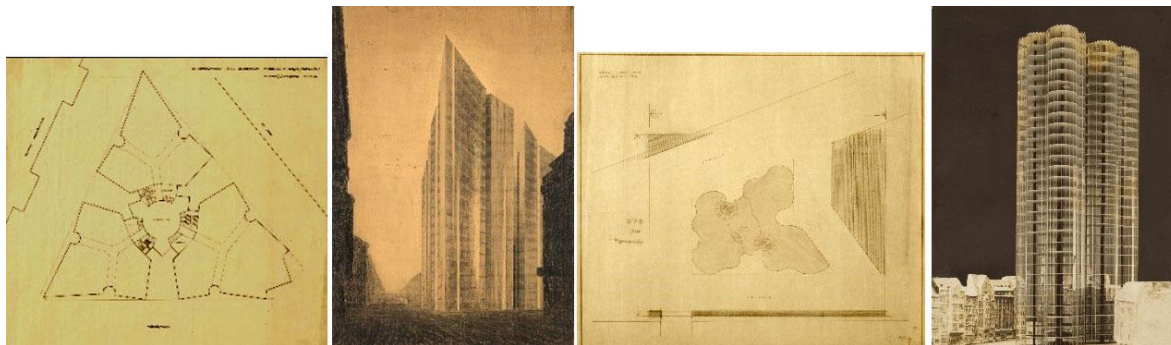
A forma segue a função, fala tão repetida entre os arquitetos, pode ser muito melhor compreendida quando posicionada no cerne da vertente funcionalista. Nesta abordagem, ao invés do projeto antever uma regra geral que orchestra o todo, ele parte das particularidades de cada espaço e alcança formas diferenciadas tanto nas partes como na forma final do edifício, entendida como resultante da soma das partes. Esse modo de entender a arquitetura torna cada edifício único, cujas prerrogativas não podem ser compartilhadas com qualquer outro edifício. Para o arquiteto funcionalista, um corredor que dá acesso a várias salas teria sua largura estreitada à medida que avança em seu comprimento, pois teria um fluxo maior de pessoas em seu trecho inicial, e menor fluxo no trecho final. Também para o arquiteto funcionalista, uma sala é mais utilizada em algumas áreas e menos utilizada em outras: o arquiteto funcionalista descartaria as quinas dos espaços, pois não são aproveitáveis. Assim, a arquitetura funcionalista evita dimensões padronizadas e espaços alinhados, bem como ângulos retos, alinhamentos em altura, repetição das aberturas, etc. A conformação dos espaços segue a lógica orgânica das partes especializadas dos organismos, cada órgão com sua forma diferenciada.

Outra característica da vertente funcionalista é o movimento literal da forma para sinalizar a função de cada parte do edifício ou, como diz Behne, ao modo de Van de Velde, com um sentido dramático: a forma de uma entrada deve sugerir um movimento para dentro, e assim por diante. Nota-se que a arquitetura resultante perde radicalmente as referências reconhecíveis das construções (as ortogonalidades, as coberturas, a constituição blocada do edifício) abrindo caminho para algo fluido, corpóreo e absolutamente inovador.

Contudo, apesar da liberdade formal que se estabelece, rompendo definitivamente com qualquer apriorismo, os arquitetos funcionalistas, uma vez plenamente dedicados ao atendimento à função, defendiam que o próprio edifício conduziria um processo de configurar-se a si mesmo, transformando o arquiteto em um intermediário transparente das necessidades internas e funcionais, rebaixando, deste modo, a vontade artística do autor e eliminando qualquer resquício formalista. Por não restringir a concepção desse edifício a arcabouços formais, a vertente funcionalista é entendida como o oposto do formalismo, apesar de resultar em arquiteturas de formas marcantes. Entretanto, mesmo rompendo com a tradição construtiva e com qualquer ideia reconhecível de edifício, a arquitetura funcionalista não estava totalmente isenta de referências, que se alinharam a elementos da natureza, sendo comuns as analogias com formas orgânicas e minerais, especialmente os cristais. Esse imaginário formal representaria idealmente a primazia da função e estava presente no ambiente cultural alemão da época, sendo facilmente reconhecível em diversas obras vinculadas à chamada Corrente de Cristal.

Neste capítulo, Behne destaca inicialmente os trabalhos de dois arquitetos. O primeiro é Henry de Van de Velde (1863-1957), debatendo sua ideia de movimento em contraposição ao movimento e dinamismo na obra de Wright. O segundo é Hermann Finsterlin (1887-1973), reproduzindo a descrição do arquiteto sobre a vida dentro de um edifício-organismo. Para falar do funcionalismo, o autor aborda também outros arquitetos como Hugo Häring (1882-1958), Hans Scharoun (1893-1972), Adolf Rading (1888-1957) e Erich Mendelsohn (1887-1953), ponto alto do capítulo.

Figura 2: Os edifícios de vidro para Friedrichstrasse, Berlim (Mies van der Rohe, 1921 e 1922) são exemplos das analogias formais do cristal e do orgânico.



Fonte: Montagem a partir de imagens obtidas em <https://www.moma.org/collection/works/>

Figura 3: Monumento aos mortos de março, Walter Gropius, 1921, inspirado na forma do cristal.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Monument_to_the_March_dead.jpg. Acesso em 23/11/2019.78

Figura 4: Erich Mendelsohn, Torre Einstein, Potsdam, 1920-21, visivelmente em diálogo com a ideia de movimento de Henry van de Velde.



Fonte: Montagem a partir de imagens obtidas em <https://www.moma.org/collection/works/>

Para Behne, a vertente funcionalista, ao partir das necessidades específicas e internas de cada edifício ou ambiente, estaria impossibilitada de ser a base de qualquer princípio expansível ou tipológico. Trata-se de uma característica que opõe essa corrente às preocupações de produção em larga escala do mundo moderno. Esta constitui a principal crítica feita pelo autor ao funcionalismo. Behne levanta outros três questionamentos sobre a arquitetura funcionalista: a incomunicabilidade entre os edifícios, que contrariam a possibilidade de serem reunidos em um plano geral; a falta de flexibilidade desta arquitetura, cujos espaços são excessivamente especializados e concebidos conforme cada função; a condição estática da arquitetura que, em essência, difere de organismos vivos, o que transforma a ideia de movimento, presente na arquitetura funcionalista, em um sucedâneo de movimento, uma espécie de falseamento.

Não mais ambiente conformado, mas realidade projetada

A parte final do livro de Behne está dedicada à arquitetura racionalista. É assim que o autor denomina algumas posições que tomavam força na Europa naquele momento, especialmente com Le Corbusier, com De Stijl e na Rússia. O autor caracteriza a vertente racionalista em oposição à arquitetura funcionalista.

Para Behne, em vez de buscar o desenho definitivo e específico para cada espaço, a arquitetura racionalista busca determinar uma configuração geral e expansível do mundo. Assim, ao invés de projetar objetos únicos, o arquiteto racionalista dedica-se a conceber a relação geral entre as partes, designar princípios formais e tipológicos que farão com que cada elemento tome parte no todo. Para Behne, o arquiteto racionalista pensa no todo, enquanto o arquiteto funcionalista pensa a partir de especificidades, considerando prerrogativas internas que não valem para as demais partes e para os demais edifícios. Por este motivo, um edifício funcionalista não poderá originar qualquer princípio tipológico e suas prerrogativas não se estendem aos demais edifícios.

Ao contrário do arquiteto funcionalista que busca uma arquitetura anônima, cujo desenho resulta de uma necessidade que se sobrepõe à vontade do artista, Adolf Behne sustenta que o arquiteto racionalista, ao entender a sociedade como um arranjo humano e artificial, irá conceber a arquitetura que corresponde a este arranjo social como algo artificialmente modulado e determinado. Ao dedicar-se à concepção das regras do jogo que irá mediar a relação entre as partes, o arquiteto racionalista retoma para si a autoridade sobre o desenho do objeto, ou melhor, do sistema de objetos que, nesse caso, passa a ser tanto a totalidade da cidade quanto os princípios determinantes das partes que a compõem.

O arquiteto racionalista, ao buscar alcançar uma formulação abrangente do mundo, compreende a função não de modo específico: ela comparece apenas até o ponto de permitir a adaptação e flexibilidade dos espaços, que estão sempre submetidos a um arranjo geral com regras definidas. Para Behne, a visão de projeto do racionalista é tipológica e sistemática: relações métricas e formais são parte inerente do projeto racionalista. Por este motivo, Behne entende que a ação do arquiteto racionalista é formalista: o objeto arquitetônico, enquanto parte de um sistema maior, não se afastará dos padrões métricos e de um léxico preestabelecidos, isto é, de um sistema anteriormente prefigurado pelo arquiteto, em que cada parte a ser desenvolvida se adequa ao princípio sistemático totalizante do projeto. Por estes motivos, Behne reconhece a importância dada à planta nos textos de Le Corbusier, uma vez que a planta se mostra um meio abstrato e eficiente para pensar as medidas, a generalização e a expansão espacial do sistema projetado, isto é, para projetar uma totalidade expansível.

Figura 5: Le Corbusier, Cidade Contemporânea para Três Milhões de Habitantes, 1922.



Fonte: Autorizado por © Fondation Le Corbusier.

Para o autor, o perigo da proliferação da arquitetura racionalista é a estagnação, através da determinação da vida e das relações entre os homens. Alinhado com as possibilidades de produção em larga escala do mundo moderno, o arquiteto racionalista, ao definir a regra do jogo e as relações entre as partes, tem muita ingerência sobre a vida. O autor afirma, em 1923, que a cidade moderna desenhada pelos racionalistas tem vocação para se transformar numa opressora parada militar, pela definição de uma lógica rígida que determina as ações, os comportamentos e as relações.

Considerações sobre o livro, 100 anos depois.

Como visto, “A construção funcional moderna” explora diferentes nuances do debate arquitetônico no início do século XX na Europa, fornecendo não apenas uma abordagem histórica, mas também teórica e crítica da produção arquitetônica em curso. Sua leitura, nos tempos atuais, expõe nossa dificuldade de entendimento desses pensamentos, que se acentua devido ao recorte dos temas de época (a renovação da arquitetura no mundo moderno, o papel do artista frente à produção em larga escala, a diferença entre cultura e natureza, entre o indivíduo e a sociedade), mas também devido ao papel que a história da arquitetura desempenhou ao privilegiar a linha racionalista e ao simplificar a complexidade dessas manifestações, evitando as nuances e embates que caracterizaram o início do século XX. O distanciamento espacial, no caso brasileiro, junto com a escolha da vertente racionalista para “guiar” a arquitetura moderna brasileira, colaboram com o entendimento monotônico da produção moderna. A arquitetura moderna presente e relatada no livro de 1923, ainda incipiente naquele momento, é mais variada do que aquela fixada na memória dos arquitetos e estudantes por aqui, composta por obras emblemáticas situadas principalmente na segunda metade da década de 20 e primeiros anos da década de 1930.

Nas arquiteturas compreendidas por Behne, o papel da individualidade e da totalidade é discutido num mundo que caminha a passos largos para a padronização, pontuando-se as vantagens e desvantagens de caminhar na direção de uma sistematização normativa ou por uma individualização excessiva do edifício. Arquiteturas únicas, de grande complexidade formal, são contrapostas à uma formulação expansível e regrada do mundo e, após os devidos esclarecimentos sobre os fundamentos de cada pensamento, ambos os posicionamentos, o funcionalista e o

racionalista, são criticados pelo autor. Ao denunciar os aspectos negativos que poderiam vir a ocorrer no desdobramento dessas arquiteturas, o autor demonstra a importância da teoria da arquitetura enquanto modo de ensaiar e antecipar possíveis realidades de mundo, traçando prognósticos cujo objetivo seria justamente o de evitar deliberadamente um modo único de perceber e construir o espaço humano.

REFERÊNCIAS

BEHNE, Adolf. **La construcción funcional moderna.1923**. Edição e prefácio de José Ángel Sans Esquide. Tradução de Josep Giner i Olcina. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Cataluña y Ediciones Serbal, 1994.

IMBRONITO, Maria Isabel; BARRETO, Marcos Mari (2020). Adolf Behne e a construção do Movimento Moderno – Parte 2. **Arq.Urb**, n.28, mai-ago 2020, p. 70–90. <https://doi.org/10.37916/arq.urb.v28i.405>

IMBRONITO, M. I. (2022). Adolf Behne e a construção do Movimento Moderno – Parte 3. **Arq.Urb**, n.34, mai-ago 2022, p.167-179. Disponível em: <https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi34.585>

IMBRONITO, M. I., BARRETO, M. M. Adolf Behne e a construção do Movimento Moderno – Parte 1. **Arq.Urb**, (24), jan-abr 2019, p.167–179. <https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi24.64>

Pesquisa conduzida com apoio do Instituto Anima.